

## Influências intelectuais

Fernando Homem de Melo<sup>§</sup>

Minha formação intelectual é heterodoxa. Graduei-me em Agronomia mas já com uma clara orientação para a Economia. Na época, existia a possibilidade, nos últimos dois anos do curso, de seguir a chamada diversificação em economia. Eu já manifestava então uma preferência não propriamente ligada a uma pessoa ou a um grupo de pessoas. Minha formação teve origem em *problemas* a princípio. Daí a aproximação com a área de Economia por meio da especialização em Economia Agrícola.

Fiz o mestrado e o doutorado, ambos em Economia, nos Estados Unidos, na Universidade Estadual da Carolina do Norte. Experimentei de certa forma um choque cultural com o meu envolvimento mais profundo com a área de economia. Ao retornar ao Brasil, após uma rápida passagem pelo Instituto de Economia Agrícola, fui convidado para vir para o Departamento de Economia da Universidade de São Paulo. Isso representou um outro choque de influências devido à riqueza desse Departamento à época (1975). Esse período coincidiu com o retorno de inúmeras pessoas desse Departamento que haviam ido fazer o doutoramento nos EUA: João Sayad, Adroaldo Moura da Silva, Celso Marton, entre outros.

A menção desses poucos nomes dá uma idéia das influências que experimentei: formação com origem na Agronomia, choque de treinamento em Economia nos EUA e, mais tarde, dedicação a um Departamento de Economia na Universidade de São Paulo com pessoas que atuavam em áreas tão distintas como macroeconomia, microeconomia, comércio internacional, recursos humanos etc. Trabalhar com colegas de várias esferas do pensamento econômico foi uma grande influência em minha formação e no meu trabalho de pesquisa posterior. Comércio internacional ilustra bem, pois eu tenho o meu chamado *mayor* em economia e o meu chamado *minor* dividido em duas áreas que são econometria e comércio internacional.

---

§ Professor titular do Departamento de Economia da Universidade de São Paulo.

## Meus temas de pesquisa

Minha preocupação sempre foi o aspecto macroeconômico da agricultura, ou seja, o desenvolvimento da agricultura, a política agrícola, a economia internacional da agricultura. Daí a importância da influência dos outros colegas que trabalhavam nessas áreas de pesquisa. Minha preocupação era entender as peculiaridades da economia agrícola brasileira que, até então, não fora objeto de pesquisas específicas. Havia alguns poucos ensaios sobre agricultura: Rui Miller Paiva, Rubens, Araújo Dias Constantino Fraga e Paulo Cidade de Araújo.

A Economia Agrícola no Brasil era uma ciência que começava a dar os seus primeiros passos. Havíamos sido treinados no arcabouço da teoria neoclássica nos EUA mas tínhamos ainda um entendimento muito pequeno sobre a realidade brasileira no que tange à Economia Agrícola. Enfrentávamos então o desafio de entender as características peculiares da agricultura brasileira. A minha motivação sempre foi entender essas características peculiares da economia agrícola brasileira em relação às outras economias. Nós dispúnhamos apenas da literatura internacional sobre o papel da agricultura no desenvolvimento econômico. Essa literatura não me satisfazia. O trabalho clássico de Antônio Barros de Castro *O papel da agricultura no desenvolvimento econômico no Brasil*, escrito na segunda metade dos anos 60, foi um texto extremamente marcante, apesar do Castro não ser um economista agrícola. Ele se interessou como cientista por uma dúvida, por uma questão, por um problema e teve a oportunidade de ler e refletir tudo durante uns dois anos e depois publicou essa obra. Até hoje eu faço questão de, nos meus cursos de economia agrícola, seja a nível de graduação e pós-graduação, colocá-lo na bibliografia, pois para mim esse texto é fundamental.

Outro entendimento que deve ser adquirido é a compreensão de que agricultura brasileira é composta de dois setores: um setor de *tradables*, que são os comercializáveis tipo soja, café e açúcar; ao lado dos *non-tradables* como feijão, batata, cebola, mandioca, ou seja, os produtos do mercado interno. Isso tem implicações econômicas, de teoria, econômica muito interessantes do ponto de vista alocativo e distributivo que nem sempre são bem aceitos na nossa discussão sobre estoques reguladores, sobre o papel da política agrícola. O importante foi aproveitar os aspectos positivos da literatura internacional mas abrindo o campo aqui: publicando sempre coisas relevantes para ajudar a entender as peculiaridades da economia agrícola brasileira em relação a outros países.

Para mim é muito honroso ter sido o autor mais citado nos anos oitenta e, se não me engano, o quarto mais citado nas últimas três décadas dentre os economistas brasileiros. Isso significa que, naquele momento, da metade do anos setenta até o final dos anos oitenta,

a chamada economia agrícola, nos seus pontos mais amplos - seu entendimento, suas facetas, suas inter-relações com o restante da economia, a importância das exportações agrícolas - era, primeiro, uma nova área de pesquisa e, segundo, relacionava-se fortemente com outros temas de pesquisa e com outras áreas. Daí a grande produção acadêmica do período e, em particular, os meus inúmeros trabalhos de pesquisa.

O tempo foi passando e a economia brasileira foi se alterando e, com isso, mudou o peso da agricultura na economia nacional. Hoje em dia, a participação da agricultura na economia brasileira é muito menos importante, inclusive no contexto daquilo que nos preocupava muito na época: o aspecto distributivo ou a importância dos preços relativos dos alimentos na distribuição da renda nacional.

A própria questão das exportações agrícolas brasileiras modificou-se pois aumentou muito a importância das exportações não agrícolas. Tudo aquilo que era de grande importância nos anos setenta e oitenta e que mereceu a atenção de economistas de outras áreas como João Sayad, Afonso Celso Pastore, José Pastore e o próprio Delfim Netto, contrasta com o presente. Naquela época, temas ligados à economia agrícola possuíam uma certa naturalidade que foi se esgotando com o tempo.

Para mim foi um grande privilégio poder compartilhar de um grupo tão rico intelectualmente. Deixo uma mensagem às novas gerações que procurem contribuir para a formação de grupos desse tipo mesmo tendo que respeitar o fato de que hoje as dificuldades são muito maiores.

### **Papel da agricultura e linhas de pesquisa**

Hoje os temas ligados à agricultura estão mais orientados para a microeconomia. O desenvolvimento agrícola ainda é uma questão relevante porém outros estão temas na ordem do dia como distribuição de renda e pobreza na agricultura, tema sem dúvida alguma de extrema relevância. Hoje, no entanto, as preocupações são outras, pois as exportações agrícolas são minoritárias em relação à exportação total.. O papel do preço do alimento ainda é importante mas não é mais tão importante como era no passado. Um grande problema da agricultura brasileira atualmente é a questão do desemprego e do baixo crescimento.

A ocupação territorial ainda é um tema extremamente importante. Existem vastas áreas de cerrado ainda sem aproveitamento e vastas áreas de fronteira agrícola, principalmente na região centro-oeste. Daí nos depararmos com as pressões internacionais que hoje querem

limitar de certa forma a expansão agrícola no Brasil. O Brasil tem uma área de cerrados agricultáveis da ordem de 150 milhões de hectares mas sua utilização enfrenta resistência de grupos internacionais e de organizações não governamentais que procuram destacar o perigo dessa ocupação no sentido do meio ambiente. Esses temas, desenvolvimento agrícola, meio ambiente, desenvolvimento agro-industrial e emprego são temas que hoje tem muito mais importância do que possuíam no passado. Eu ainda vejo um campo de pesquisa no sentido mais macro da agricultura. Outras questões dizem respeito à liberalização comercial da Organização Mundial do Comércio e seus impactos.

A agricultura no Brasil possui um potencial muito grande de crescimento e talvez o ponto central seja o fato da sociedade brasileira ainda não se encontrar devidamente sensibilizada para a importância desse crescimento em termos de sua colaboração para a solução de problemas importantes como é do da distribuição de renda. A agricultura dos cerrados é, sem dúvida, um fato notável do desenvolvimento agrícola brasileiro. Basta destacar o potencial agrícola do Mato Grosso, que é uma coisa extraordinariamente grande, mas que se encontra limitado pela situação do sistema de transportes e infra-estrutura. Há uns dez anos atrás, durante um seminário internacional sobre soja nos Estados Unidos, eu cheguei a mencionar que se o Brasil fizesse uma saída através do norte, viabilizando a produção de soja na região centro-oeste, ganhando em torno de US\$ 20,00 ou US\$ 30,00 por tonelada, haveria uma disputa muito grande de mercado que iria inclusive afetar a própria economia agrícola americana. Hoje, além da ferrovia norte/sul, que está sendo implantada, há o desenvolvimento de inúmeros projetos multimodais de transporte, tais como: Araguaia/Tocantins, Rio Madeira et. Com isso, abre-se uma possibilidade muito ampla de mudar a geografia econômica brasileira, respeitando-se sempre o meio ambiente.

### **Relação com a pesquisa**

A questão crucial da pesquisa é a dúvida que se instaura em sua cabeça. É a ânsia de poder contribuir com a explicação de alguma coisa. Esse é o fator fundamental e na minha linha de pesquisa foi fundamental pois minhas dúvidas eram muitas. Em realidade, a alegria do pesquisador consiste em ter um quadro geral, cheio de dúvidas e aos poucos, após anos de pesquisa, reflexão, estudo e interação com alunos e colegas de trabalho, ir removendo pouco a pouco, ano a ano, algumas das dúvidas iniciais. Isso é que faz a sua vida como pesquisador.

## Pesquisa e financiamento

O que me preocupa muito nos dias de hoje são os temas de pesquisa externamente determinados em grande medida devido à escassez dos recursos para a pesquisa. O papel que a FIPE teve no apoio ao Departamento de Economia nos últimos dez ou vinte anos também mudou. A FIPE ajudava muito mais em termos de definição de linhas de pesquisas. Havia muito mais interesse de entidades brasileiras em definir temas de pesquisa e financiar pesquisas do que hoje. Hoje não. É muito mais difícil um professor ou pesquisador “arrumar” financiamento para um bom tema de pesquisa *brasileira*. Isso atemoriza um pouco. Cada vez mais os temas de pesquisa são determinados no âmbito do Banco Mundial, FMI ou outras instituições que colocam temas de pesquisa externamente determinados e não necessariamente em linha com as prioridades que a pesquisa econômica no Brasil deveria possuir.

Hoje em dia quem é que vai financiar a remoção de dúvidas? Eu creio ter sido muito privilegiado pois hoje em dia ninguém está disposto a financiar a remoção de dúvidas. Eu trabalhei numa época em que havia muita sensibilidade com relação às dúvidas. Naquela época, havia disposição dos órgãos governamentais em apoiar as dúvidas e as inquietações acadêmicas. Hoje é tudo muito frustrante.

A própria questão da reforma do setor público brasileiro, com a perda do instituto da estabilidade, representou um desestímulo para a pesquisa e a ciência no Brasil. O professor universitário hoje não é mais estável. No entanto, passaram a ter estabilidade o funcionário da receita federal, o diplomata, as chamadas carreiras de Estado. Quem faz ciência hoje no Brasil? A universidade privada faz ciência? Esse professor universitário e esse pesquisador hoje já não são mais prioritários. Eu fico extremamente temeroso porque estamos diante de uma realidade de sucateamento do serviço público nessa área que é a universidade.

## Meu método de trabalho

Não se trabalha em pesquisa sozinho. Hoje eu trabalho de maneira mais solitária do que no passado. Por um lado, eu penso que minha contribuição principal já foi feita. Por outro lado, as dificuldades de financiamento da pesquisa são muito grandes para se formar uma equipe de trabalho. Hoje formar uma equipe de pesquisa para fazer algo significativo é

quase que impossível. É por isso que eu lamento muito quanto aos grupos novos que estão entrando aí no chamado mercado de trabalho universitário. Eles enfrentarão muito mais dificuldades para fazer parte de uma equipe de trabalho. Eu fico um pouco frustrado com as novas gerações e com as transformações pelas quais a universidade brasileira vem passando. O nosso próprio Departamento de Economia sofreu muitas alterações. Hoje ele já não é mais a mesma coisa que antes. Hoje já não há mais a interação do passado entre o jovem, o que está no ponto médio de sua carreira e o que está em um estágio mais avançado da carreira. O Departamento de Economia se alterou profundamente.

## Escrever bem

Escrever bem é escrever com clareza. O professor universitário tem uma vantagem pois ele lê muito ao longo de sua vida. O segredo para escrever bem é ler muito e estudar muito. Minha tese de doutorado nos EUA foi escrita, evidentemente, em inglês e teve sua redação elogiada. Outro ponto importante em nossa profissão é ler muito em inglês. Outro ponto importante é a própria reflexão. Só devemos sentar para escrever na medida em que tenhamos o quadro completo e claro na cabeça. Devemos evitar muitas versões de um mesmo texto.

## Principais trabalhos

Em minha vida de pesquisa, eu destacaria, por exemplo, o livro *O Problema Alimentar no Brasil: a Importância dos Desequilíbrios Tecnológicos*. Esse trabalho foi agraciado, em 1982, com o prêmio Haralambo Simeonides da ANPEC, em seu primeiro ano de existência. Esse livro foi resultado de uma pesquisa e não de tese. Nesse trabalho, eu procurei responder à questão de quais eram as principais raízes do problema alimentar no Brasil, a importância dos desequilíbrios tecnológicos e a importância dos preços dos alimentos na distribuição de renda. Eu cheguei a me envolver muito na controvérsia da PRÓ-ÁLCOOL. Em 1980, publiquei o livro *PRÓ-ÁLCOOL: Energia e Transportes*, em co-autoria com o professor Eduardo Giannetti da Fonseca. Em 1988, fui agraciado com o prêmio Moinho Santista, que hoje, é talvez, o principal prêmio científico concedido no Brasil. É um prêmio que o próprio Celso Furtado recebeu em economia.

Eu cheguei a professor titular da USP relativamente cedo. Na época, eu tinha 41 anos de idade. Esse foi um ponto importante em minha vida. Outro ponto, foi ter meu trabalho reconhecido nos meios acadêmicos como um dos autores mais citados no meio acadêmico.